

Alfredo Pimenta: trabalhador infatigável

Começarei por referir que um dia em que, timidamente, aconselhei: «*o Senhor Doutor não devia trabalhar tanto*», e isto porque se havia queixado de intensas e dolorosas nevralgias, ele me retorquiu: «*não posso deixar de trabalhar, eu e o trabalho somos velhos amigos. Trabalho de forma infatigável, desde a infância. Tenho consagrado ao trabalho o melhor das horas que tenho vivido quer durante o dia quer, particularmente, pela noite fora, onde deparo com um silêncio propício ao meu labor intelectual. Amo e sempre amei o trabalho pois que foi graças a ele que me elevei e que sou o que sou. Pratico-o no seu respeito cerebral e físico e sempre ignorei a preguiça que, como o povo acertadamente diz: é a mãe de todos os vícios.*»

E prosseguindo: «*é até este o único ponto em que me afasto da interpretação bíblica. O trabalho longe de ser uma maldição lançada sobre o género humano é a maior benção que Deus lhe poderia ter, generosamente, ofertado.*

E quase a atingir a conclusão: «*como admiro, neste particular, os germanos tão operosos e trabalhadores. Isto é, sem dúvida, o segredo da sua força.*

E terminou por dizer: «*o conselho que me acaba de dar é, afinal, o que me têm dito médicos ilustres e que muito considero e estimo e que dizem que exagero o meu amor ao trabalho e que devo passar a ser, neste particular, mais parcimonioso e comedido.*

Mas, como lhe referi, não concebo a existência sem o trabalho que, para mim, foi sempre bem mais importante do que a greve e não serei eu quem me arvorarei em grevista para o fim da vida.

Na verdade como foi, a todos os títulos, prodigiosa a actuação de Alfredo Pimenta podendo até, sem exagero, afirmar-se que não houve nenhum sector intelectual que não abordasse e onde não brilhasse, dada a sua grande cultura eclética e a sua lúcida análise crítica.

Assim é que Alfredo Pimenta, além dos estudos filosóficos

onde ocupou em lugar impar, dedicou-se ainda à poesia onde foi um dos nossos mais inspirados poetas, à investigação histórica, à política e a estudos económicos, diplomáticos, históricos, sociais, geográficos, linguísticos, etc., etc.

Tão vasta como polifacetada obra que constitui, por si só, um monumento, longe de ser divulgada, como merecia, tem-se procurado fazer sobre a mesma o maior vácuo possível e a conhecida muralha do silêncio.

Momentos houve em que nos livros escolares pejados de transcrições de cabotinos e medíocres, alçapremados a pseudo grandes literatos e em que abundavam trechos de Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Samora Machel, tinham sido expurgadas quaisquer referências ao maior pensador e um dos grandes escritores portugueses: Alfredo Pimenta. E todo este mesquinho e execrável comportamento porque Alfredo Pimenta proclamava certo número de verdades políticas e não suportava a hipocrisia e muito menos a traição.

Defendia o ponto de vista que havia certo número de verdades políticas que deviam ser proclamadas pois que, de contrário, e não o sendo com a objectividade e a insistência que se impunham, cairíamos no fatalismo de nada mais restar do que o *nihil* a que se seguiria, como seu complemento, o *obstat*.

Era para evitar que se caísse em tão perigosa emergência que ele, afinal, tinha apenas uma aspiração e legítima ambição na vida — que, diga-se de passagem, nunca foi satisfeita — o de ser professor de História na Escola de Guerra.

É que dizia: há tendência para que a Escola de Guerra seja frequentada por jovens cuja hereditariedade, temperamento, educação recebida, ou até meras reflexões pessoais e simples influência deletéria do meio, conduzem a uma concepção metafísica do mundo diferente da que, na realidade, convém a Portugal, afastando-se da realidade histórica do mesmo e dos princípios à sombra dos quais se tornou grande e deu leis ao Mundo.

A juventude é, por sua natureza, irreverente e audaciosa; tem a pretensão de descobrir coisas que de há muito foram descobertas e relegadas para um canto como inutilidades altamente corrosivas e maléficas.

E o que é, sem dúvida, inicialmente um impulso louvável e até generoso pode ser sobremodo nefasto para a Nação; primeiro pelo indiferentismo, diletantismo e preguiça intelectual que representa por parte de uma élite que estando depositária de armas e

incumbida de defesa da Nação se deverá exigir, como ponto de partida, um grande esforço intelectual e um espírito de sacrifício ímpar.

Ora tal só se poderá alcançar caso os futuros oficiais sejam possuidores de convicções fortes e bem estruturadas que os levem a ter o maior respeito pelos portugueses, espírito crítico e tolerante, e não sejam fácil presa de fanatismos políticos pouco conformes com as realidades nacionais.

A anos de distância como avulta a personalidade de Alfredo Pimenta, como era extraordinária a sua visão e como tudo o que de calamitoso veio a suceder teria sido facilmente evitado se os governantes, de então, tivessem tido a coragem de nomear Alfredo Pimenta professor de História da Escola de Guerra, e que era pelos vistos a suprema ambição do grande português que foi Alfredo Pimenta; ambição norteadá apenas pelo desejo de prestar mais um desinteressado serviço à sua Pátria.

Há testemunhas vivas de que tudo o que afirmo corresponde, inteiramente, à realidade dos factos, pois que a suprema ambição do grande Mestre foi mais do que uma vez confidenciada aos amigos mais íntimos.

Francisco Peixoto Bourbon